

Palavras chave: tecnologia, educação, adaptação

1. Introdução

A pandemia do novo coronavírus acelerou o processo de inclusão das novas tecnologias na educação, gerando desafios, causando resistências, mostrando realidades diferentes de acesso e de noção de onde a tecnologia pode se encontrar no dia-a-dia das pessoas.

A primeira turma para quem ministrei a disciplina de Artes Visuais com uma atenção na prática da animação foi em Palmeirândia. Não era a primeira vez que ministrava em uma turma de faculdade, principalmente no que se refere à oficina de criação. Peguei os materiais e comecei a preparar a aula. Precisava ter um conteúdo atualizado, bem feito para reconectá-los à compreensão de como a arte, mais precisamente, a animação está na televisão, no celular de todo mundo, informando, vendendo, emocionando, ditando tendências.

A primeira preocupação foi contextualizar que animação não se restringe a desenho animado e ao mundo infantil. Depois de leitura de textos e reflexões e grupo, essa ideia generalista foi quase superada, entretanto, não cem por cento. Nas atividades escritas, uma maioria avassaladora compreendeu a importância da animação para a publicidade, o cinema, as novelas, o entretenimento e informação. Mas ainda assim, houve uns poucos que persistiram em focar na antiga ideia de “desenho animado para o público infantil”. Não é tarefa fácil desconstruir uma ideia antiga e pré-concebida, muito disseminada pelo ensino fundamental carente de professores de arte qualificados, muitas vezes substituídos por professores de português ou história. Mas esse era meu desafio.

Como item didático, havia preparado uma apostila curta, com linguagem acessível, com conteúdo de qualidade e rico em imagens, como acredito que deva ser esse tipo de material. A escrita é uma linguagem de código enquanto a imagem é uma linguagem de natureza orgânica, por isso é muito mais fácil assistir a um filme do que ler um livro sobre o mesmo assunto². Entretanto, sabemos que uma coisa não exclui a outra e ambas são mais fortes, unidas. Depois de preparada a apostila, inseri os links para que os estudantes pudessem buscar e encontrar facilmente os filmes e animações citadas na internet. Para isso, precisavam apenas do apoio de um smartphone.

Entrei na sala de aula, fiz a roda que apelidei de “roda de ideias” onde os alunos podem ver-se e compartilhar os seus próprios relatos. A minha preocupação era: “Será que todo mundo tem *smarthphone*?”. Então foi essa a primeira pergunta: “Levante a mão, por favor, quem tem *smartphone*”. Não houve sequer um aluno de

¹ Produtora Audiovisual. Docente da FFI em oficinas de audiovisual e animação

² Mas ler o livro pode estimular mais a imaginação. As duas práticas são importantes para fruição.

mão baixa, todos tinham. A segunda pergunta seguiu-se: “Todos receberam a apostila?”, em resposta o sonoro “Sim!”. Poderia haver maior satisfação? Em roda, com os celulares em mãos, lemos, e fizemos apontamentos sobre a apostila, cada um com auxílio do próprio celular. Alguns, curiosos, viam logo os vídeos citados pelo texto, o que não foi problema.

Os exercícios de criar histórias baseadas em folclore local e acontecimentos da cidade foi algo que permitiu a criação de enredos muito interessantes! Houve um momento para que apresentassem as suas criações e remontassem como chegaram a elas. Foi uma atividade muito produtiva! Ao mesmo tempo, serviria de suporte para a segunda fase da disciplina que seria a oficina de criação de animação, baseada nas histórias e desenhos criados, utilizando-se do aplicativo para celulares, chamado de *Flipaclip*, criador de animação 2D. Ao menos este era o plano. O segundo encontro foi suspenso, infelizmente, devido à necessidade imposta de isolamento social.

Guy Debord (2000), em seu livro “A Sociedade do espetáculo”, livro de certo modo considerado antigo, afirmou que haveria um momento em que as pessoas seriam educadas pela televisão! Imagina se ele estivesse vivo para ver o potencial dos *smartphones*?

Voltando para São Luís, pedi que digitassem e enviassem as atividades que já haviam feito na aula para que pudessem ser devidamente avaliadas. Criei um grupo de *Telegram*, com objetivo de ter uma comunicação direta, mais profissional evitando o caráter de mais pessoalidade do *whatsapp*. De 28 alunos que frequentaram a disciplina, 22 entraram no grupo onde pude orientá-los sobre o envio das atividades e compartilhar outros links e materiais relevantes relacionados ao audiovisual.

Fiquei reflexiva sobre o motivo dos outros 6 não terem aderido à entrada no grupo, lembrando que todos os 28 haviam declarado que tinham smartphone e acesso aos dados móveis. O *Telegram* é um aplicativo leve e se utiliza de um sistema de nuvem para guardar memórias escritas, o que permite que qualquer Smartphone possa recebê-lo. Soube que houve certa rejeição por parte de alguns alunos.

Neste meio tempo, já sugeri a familiarização dos alunos com o aplicativo *FlipaClip*, para quem já quisesse experimentar a ferramenta. Tive a alegria de receber algumas animações muito criativas de dois alunos que demonstram ter uma postura bem corajosa e interessada em novas ideias. Os resultados deles me causaram uma surpresa muito boa. A primeira parte da disciplina havia sido concluída. Fiquei no aguardo da data da segunda, comprei canetas “*touch*” para premiar as animações vencedoras do concurso que faríamos na turma, durante o segundo encontro. Mas infelizmente o isolamento foi mais acirrado e, então, precisei continuar aguardando.

Soube do relato dos meus colegas que, ao contrário de mim, que tinha disciplina marcada para dois encontros, precisavam estar em contato, semanalmente, com os alunos, encontrando formas de se adaptar à educação remota, para que os alunos não perdessem o semestre letivo. Observei ser uma mudança brusca e o esforço dos meus colegas em superar os desafios e aprender a usar novos *softwares*, orientar os alunos, causando uma certa rejeição em massa,

por motivos e fatores diversos. As condições de acesso à rede entre os alunos são diversificadas, não podendo ser um único motivo da rejeição. Suspeitei que poderia ser por falta de familiaridade com a educação remota, rejeição pela educação remota, ou a dificuldade de acesso à internet.

Minha mãe, também professora, pediu que eu a auxiliasse na produção de vídeo aulas. Em suas palavras “Quero que chegue a todos!” pois pronto. Eu afirmei que com boa vontade, é possível chegar a todos, talvez não do mesmo modo. Precisaremos de alternativas gerais e algumas específicas. Fizemos vídeo aulas. Ela postou no *classroom* para alcançar os que tinham acesso à internet através de *wifi*. Eu compactei as vídeo aulas para que tivessem um tamanho possível de ser transmitidas através do *whatsapp*, para que fossem enviadas, alcançando os alunos com acesso apenas através de dados móveis. E quem não tivesse nem celular, ela encontrou forma de se comunicar com ele pelo número cadastrado na matrícula e organizou a retirada de materiais.

Eu soube de reclamações de estudantes de faculdades diferentes sobre a mudança brusca da educação presencial para a remota. Senti certa falta de compreensão por parte das pessoas de não perceberem que era um cenário de emergência e de que precisávamos encontrar soluções em conjunto ao invés de “esperar que as coisas melhorem”. As coisas não melhoram, nós fazemos as coisas melhorarem. Ao invés de focarmos em problemas, precisamos buscar formas, pois, a meu ver, vencer é antes de tudo uma tomada de decisão.

O meu raciocínio foi o seguinte: se os alunos não gastam mais com transporte para ir à faculdade porque estão em casa, por que não alocar esse recurso para contratar um serviço de internet melhor e poder dar continuidade aos estudos? Ao menos eu fiquei despreocupada com a lembrança de que todos os meus alunos tinham celular e que o sinal, de alguma forma chegava até eles, pois eles se comunicavam, faziam perguntas e recebiam recados via *whatsapp*.

Ao mesmo tempo eu pensei: deve ser ruim essa mudança brusca. Dentre os desafios, para usar o programa *word*, no celular, é preciso que os arquivos tenham até 16mb, para que cheguem aos celulares sem sobrecarregar a memória, que continua competindo com os vídeos engraçados que as famílias mandam através dos diversos grupos, dos quais todos, de uma maneira ou de outra, fazemos parte. Acima de tudo era preciso ter paciência para escrever no *word* para celular e mais paciência ainda para enviar as atividades em local de pouco sinal, onde volta e meia é preciso ir a outro local para conseguir.

Eu sou uma pessoa que investe em tecnologia e afirmo que a educação hoje precisa ter os seguintes materiais escolares: caderno, lápis, lousa, celular e internet (ruim ou boa). Não há como ser diferente. Independentemente de estarmos na rede pública ou privada, é preciso investir nesse quite básico. Eu posso ser uma privilegiada pelo fato de possuir *notebook*, rede de internet boa. Entretanto, penso ser importante destacar que são condições fruto de um investimento que não me arrependo. Não saio muito para festas, mas tenho uma internet boa, que me permite acessar muito do conhecimento que preciso. Investir em educação hoje é investir em tecnologia, não há “marcha ré”.

Isso me faz lembrar de minha vó, que mora numa cidade chamada de Miracema, no interior do Estado do Tocantins, minha terra natal, com seus 55 mil habitantes. Não há basicamente muita coisa na cidade, além de fazendas aos arredores e um vendedor de garapa. Mas em todas as casas você encontrará *smartphones* e acesso à Netflix. É claro que, neste caso, o acesso ao sinal é usado para o lazer, mas por que não tê-lo para a educação também? A educação pode e deve se utilizar das novas tecnologias, é assim que criamos evolução.

Netflix me fez lembrar do filme “O menino que descobriu o vento”. Conta a história real de um menino de um pequeno vilarejo no Malaui, povoado onde a renda anual de uma pessoa é de 200 dólares, terra alastrada por secas e falta de itens básicos da sobrevivência. William Kamkwamba, que com muita força de vontade, pelo aspecto ativo de um menino que busca estudar com toda a sua força, apesar da falta de recurso que é, de longe, muito mais difícil que os nossos desafios, consegue estudar com ajuda do pai e da sua comunidade.



Fonte: Cosmonerd (2019)

Houve doações de livros pelos americanos para a escola, William foi um dos poucos a ler, muito interessado sobre eletricidade. Através do livro ele descobriu como criar moinhos que geram energia a partir do vento. Aos 14 anos, com a sucata da comunidade e restos de fiação que buscou em diferentes lixeiras, com ajuda de dois amigos, ele criou moinhos que forneciam energia e água fresca aos seus conterrâneos. Durante a conferência mundial de inventores ele disse uma frase “Eu tentei, tentei e consegui!”. Está na hora de alunos e professores fazerem o mesmo!

REFERÊNCIAS:

COMONERS, **O menino que descobriu o vento – crítica**. Disponível em <<https://cosmonerd.com.br/filmes/critica/o-menino-que-descobriu-o-vento/>>

DEBORD, (2000) A sociedade do espetáculo.